

NICOLE BROSSARD
Canadá

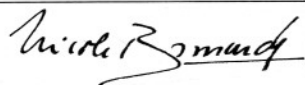


141

eclipse e rendez-vous

as moscas os ratos as formigas
machos e fêmeas as ruas
túmulos os parques os gritos
as sirenes a música o riso
a conversa as ideias os signos
os olhos a boca as palavras
o outro
assinaturas: contratos tratados leis

x...



os próximos os estrangeiros os antepassados
a família o casal os vizinhos *eu*
a identidade a mentira NEWS simulação
a madrugada o crepúsculo a janela
o dicionário a etimologia a pontuação
hoje

às vezes é inútil mostrar a fotografia
a legenda os caracteres em *itálico* para designar
os parágrafos o barulho das chaves
ao entrar no apartamento

de manhã devemos transcrever
no computador ser comportada
o mundo mudou
cada um agarra a sua faca
à altura dos olhos
comendo frutos
em frente ao écran

é inútil gritar
o sinal repete-se
a paisagem muda
outras metáforas
a guerra branqueia os ossos

é claro que existe o sujeito
a intrigante sensação de viver
no meio de uma multidão de palavras
densidade muito urbana
de histórias e secreções

nem pensar em esquecer
a pele o corpo o mar
nem pensar em recomeçar
na mesma página

só a responsabilidade da consciência
me mantém recostada na cidade
seguros os cadáveres
atrás de nós
nunca encontrámos as palavras

outro assunto: o instinto
a fúria em nós
os seus dentes barrocos e surrealistas
o carnaval há muito tempo atrás

mais tarde o perigo é grande
de sonhar em conjunto
sobre o abismo
apoiando-se no mesmo fecho

pregar a moral é comovente
ou uma verdadeira revolta é essencialmente
libidinal, puro produto das hormonas
espreitando a justiça e as sensações

difícil hoje detectar
a fonte dos barulhos e a origem das vozes
para onde vão as ideias novas os números azuis
como comparar se entre as sílabas
e as imagens enredadas à luz do dia
a passagem de um avião de caça
e o eu da vertigem partilham o horizonte

olho o meu calendário de fractais
um ano mais tarde
mudámos o divan
comovemo-nos com a onda
das imagens contínuas que passam
por um conjunto de palavras desconhecidas

em cada frase há suficientemente
silêncio para concluir
ao preço da felicidade
ou em sociedade acreditamos poder
lançando as pedras
ser responsável pela felicidade

147

o mundo mudou recomeçou num ápice

os nossos olhos fecham-se a ferver sobre o horror
abrem-se para novas lentes sempre prontas
ao lado do coração a rever o mar e os seus gigantes ondulantes

a felicidade é uma ideia vasta e verde
sem contar com as raízes
o acaso multiplicando as imagens
a natureza complexa da alegria
os pensamentos para nos reaproximarem
da madrugada da noite ainda
da morte, ainda a realidade
uma manhã

não são mais que sons
diremos da língua comovendo-se
a manhã voltando a página da manhã

o corpo refeito superfície
a pele quer sempre um pouco mais deste mundo
juntar-se à luminosidade da manhã
recomeçar o sonho ao fundo
dos olhos de noite vindo surpreender-nos

dou-me conta que na minha vida
apesar de mim há muitos
cadáveres no écran
rios o mar azul
e o silêncio que permite viajar

149

há perante mim
no écran a morte
depois há a minha morte um dia
muito naturalmente a imaginação incendeia-se

de seguida há o nome das rua meu nascimento
uma nova tecnologia
no écran a madrugada em sobreimpressão

Não se pode prever até onde a língua e a sensação de calor que ela desencadeia nos pode arrastar. Digamos que repetirmo-nos em sociedade suscita a questão perturbadora da origem das lágrimas. Digamos que o absoluto que nos faz tanto bem pela manhã quando abrimos a janela nos ajuda a compreender um pouco a gente que passa. Mal acreditamos que nos livrámos do mal, da mentira e do sofrimento e já a chuva recomeça. Digamos que o sol volta a trazer a sombra. Não se pode prever tudo: a guerra, as violações, a fome. Digamos que há gente que fala de política enquanto levanta a saia às mulheres. Nunca é preciso agarrar uma arma na mão por causa do vento que acaba sempre por virar. É inútil sonhar se não for com a felicidade. Digamos que a felicidade é uma coisa com que é mais fácil sonhar. Digamos que ao domingo a sociedade descansa e que não serve de nada viver no passado. Os poetas estão plenamente justificados por querer fugir da poluição sonora onde tumultuam a torto e a direito os risos falsos, as crises de lágrimas e a música doce que sai da nossa boca nos dias de grande solidão. Digamos que estaríamos num

espaço estreito no nosso pensamento sem as palavras beleza, eternidade e utopia. Instalar visões na língua exige uma certa lealdade para com a vida. Digamos que vou ao encontro das mulheres inteiramente vivas. É necessária muita prosa para defender uma ideia, negociar alguns valores, para explicar as paixões que em nós estabelecem laços como explosões. Digamos que pertenço a uma geração que cresceu com as palavras subversão, transgressão e ruptura. Estávamos no começo dos anos sessenta. O poema era uma arma para a «revolução pacífica» e para o sonho de um país que seria o Québéque. Digamos que à questão do país eu preferia a escrita e os seus reflexos lúdicos, imaginando «o prazer do texto» como um dado político susceptível de aumentar as nossas hipóteses de felicidade. Sim, misturei muitas vezes poesia, texto e escrita e nunca me arrependi disso. Digamos que escrever sou uma mulher está cheio de consequências. É necessária muita energia e imaginação para desatar os grandes nós das mentiras hediondas de que os homens se servem para anestesiar as mulheres. Digamos que uma parte da realidade se

esconde dentro da língua; a outra entrincheira-se em nós singular e pacífica, pronta a perdoar. Digamos que o poema não tem obrigação de fazer prova dos nossos males. Estou sentada no Café Cherrier da rua Saint-Denis. A cena passa-se em Montreal. Em sociedade, vemos passar três vezes na luz do meio-dia a ideia de que a sombra organiza a fala nas regiões mais antigas do cérebro. Digamos que para escrever procuro o silêncio que é uma ambiência propícia à abstracção. Por isso sei pronunciar *beleza* na hora de ponta entre duas estações de metro. O fragmento, a elipse, a velocidade, desde as primeiras palavras, o poema acelera os batimentos do coração. Trata-se é claro de dar um sentido à vida. Digamos que é preciso saber como replicar, não se amedrontar perante o nome assustador das permutações semânticas sempre prontas a fazer nascer em nós um gosto pela luz e o excesso.

escrevo para fazer acto de presença na língua. ■